

Simpósio Temático

Sustentabilidade na Habitação de Interesse Social: Cultural e Social, Ambiental e Econômica.

Arquitetura Vernácula e Habitação de Interesse Social

Raquel Rodrigues Lima, Arq. Dr.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUPUCRS

Resumo

O estudo da arquitetura ao longo da história recai, normalmente, sobre a arquitetura erudita. São privilegiadas as obras colossais, gigantescas ou singulares; oferecendo um panorama arquitetônico de um conjunto restrito de palácios, catedrais, etc. Quando a arquitetura vernácula é apresentada, muitas vezes há nela uma conotação de algo exótico, estranho e inferior. Até o presente momento a maioria dos estudos das manifestações da arquitetura vernácula restringe-se à ênfase da preservação, com o seu reconhecimento como Patrimônio Arquitetônico. A relevância do tema abordado nesta pesquisa está na investigação da arquitetura vernácula como subsídio na busca de alternativas sustentáveis para uma arquitetura que considere aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais. O presente trabalho tem o propósito de estimular a busca de alternativas para a produção da habitação de interesse social nos dias de hoje por meio do conhecimento da cultura popular que oferece o domínio de técnicas construtivas, o uso adequado de materiais disponíveis, as potencialidades da mão de obra local, além de expressar a identidade do lugar. Desta forma, a pesquisa justifica-se pela carência do reconhecimento amplo e aprofundado dos saberes populares, no âmbito da arquitetura, como auxílio no avanço de uma arquitetura mais sustentável. Entre várias alternativas, a valorização da cultura popular é importante para a sociedade que busca a produção de conhecimentos para a arquitetura sustentável, visto que o quadro do déficit habitacional brasileiro é composto de diferentes grupos sociais, incluindo afro descendentes, indígenas e imigrantes, entre outros, e que as políticas públicas pouco exploram a possibilidade de considerar o conhecimento técnico acumulado por esses grupos na produção de novas soluções para a habitação de interesse social.



Palavras-chave: arquitetura vernácula, habitação de interesse social, Rio Grande do Sul.

Abstract

This paper aims to research for alternatives for the production of social housing today. These alternatives are known through the popular culture that offers the field of construction techniques, appropriate use of materials available, the potential of the local workforce, in addition to expressing the identity of the place. Thus, the research is justified by the lack of wide recognition and depth of popular knowledge in the context of architecture as an aid in advancing a more sustainable architecture.

Key-words: vernacular architecture, social housing, Rio Grande do Sul.

Índice

1. Arquitetura Vernácula: uma introdução ao estudo da habitação popular	4
2. Contextualização: um breve panorama histórico das culturas autóctones no Rio Grande do Sul	6
2.1 Povos indígenas.....	6
2.2 Colonização açoriana.....	8
2.3 Imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul.....	9
3. Contribuição da arquitetura vernácula à Habitação de Interesse Social.....	10
4. Referências bibliográficas	13

1. Arquitetura Vernácula: uma introdução ao estudo da habitação popular

A arquitetura vernácula (sem arquitetos) tem historicamente apresentado exemplos de adequação inteligente às particularidades climáticas de diversas regiões do mundo. Caracteriza-se como uma obra com características constantes, que possui autenticidade na sua expressão, e, ao mesmo tempo complexa e conservadora, uma construção adaptada ao entorno, auto-suficiente, baixo conteúdo energético, autêntica, estrutura pequena, pode ser um sistema disseminado, resultado de produção coletiva e integração de trabalho. As formas mais elementares de que se tem conhecimento em arquitetura tinham, antes de tudo, a função de abrigo/proteção contra os efeitos indesejáveis do clima.

Kostof apresenta a idéia de que todos os edifícios da história devem ser analisados. Porém, devido ao problema da falta de documentação mínima, nem todas as obras oficiais podem ser estudadas. No que diz respeito à arquitetura vernácula, a documentação que se tem à disposição é quase inexistente, somando-se a este fato há uma lacuna em função do pouco interesse por este tema que demonstra uma situação caracterizada por uma ausência no aprofundamento do conhecimento contemporâneo do tema proposto.

Mas o que se define como arquitetura vernácula? Segundo Silva (1994), é a arquitetura sem arquitetos, anônima, também denominada de espontânea ou popular. Mas mais que isso, é uma arquitetura autóctone, com expressiva identidade e resultante de uma produção coletiva de trabalho.

A história da arquitetura erudita é a versão mais estudada da arquitetura, e talvez a mais conhecida, por meio de obras colossais, gigantescas ou singulares; oferecendo um panorama arquitetônico de um conjunto restrito aos palácios, catedrais, etc. Quando a arquitetura vernácula é apresentada, muitas vezes há nela uma conotação de algo exótico, estranho e inferior. Até o presente momento, vários estudos das manifestações da arquitetura vernácula enfatizam a preservação, com o seu reconhecimento como Patrimônio Arquitetônico, o que é elogiável.

A cultura vernácula como base para uma arquitetura sustentável é um tema pouco explorado no estágio da pesquisa atual, apresentando uma lacuna, não somente no contexto do estudo da forma, suas origens e materiais e técnicas construtivas. O tema da sustentabilidade, nesta pesquisa, é investigado principalmente sob o ponto de vista cultural. A relação entre os temas sustentabilidade e arquitetura vernácula (espontânea ou popular) justifica-se por ser essa uma arquitetura que possui muitos atributos que podem contribuir para a busca de alternativas para as questões sociais, econômicas e culturais no contexto das políticas públicas da habitação de interesse social.

O conhecimento e valorização da cultura popular, através da arquitetura local, oferecem o domínio de técnicas construtivas, o uso adequado de materiais disponíveis, as potencialidades da mão de obra local, além de expressar a identidade do lugar. Enfim, a arquitetura vernácula, aqui entendida, representa um imenso patrimônio cultural material.

Desta forma, a presente pesquisa justifica-se pela carência do reconhecimento amplo e aprofundado dos saberes populares, no âmbito da arquitetura, como auxílio no avanço de uma arquitetura mais sustentável nos tempos atuais.

Entre várias alternativas, a valorização da cultura popular é importante para a sociedade que busca a produção de conhecimentos para a arquitetura sustentável, visto que o quadro do déficit habitacional brasileiro é composto de diferentes grupos sociais, incluindo afro descendentes, indígenas e imigrantes, entre outros, e que as políticas públicas descartam a possibilidade de considerar o conhecimento técnico acumulado por esses grupos na produção de novas soluções para a habitação de interesse social.

Nas políticas públicas na área da habitação de interesse social, a arquitetura vernácula esta presente em projeto pontuais, não havendo uma dinâmica na disseminação de tecnologias e materiais correntes da arquitetura vernácula. É possível identificar projetos desenvolvidos que resgatam técnicas e tecnologias autóctones, os exemplos de institutos de permacultura, organizações sociais (MST, Movimento dos Pequenos Agricultores e iniciativas de comunidades alternativas), dentre outros.

No contexto das ações promovidas por gestores públicos em âmbito nacional, regional e local, as políticas públicas promovidas pela Secretaria da Habitação do estado do Rio Grande do Sul - SEHADUR, poucos são as atuações direcionadas às comunidades que apresentam uma identidade cultural provinda, por exemplo, do processo de imigração e povos nativos.

2. Contextualização: um breve panorama histórico das culturas autóctones no Rio Grande do Sul

Dentro de um universo de diferentes culturas que apresentam um forte laço com a sua origem e que se deparam, atualmente, em processo de exclusão social, delimita-se neste artigo a introdução ao estudo de algumas culturas habitantes no Estado do Rio Grande do Sul. O processo de ocupação do solo no estado possui como ponto de partida os povos indígenas que habitavam a região platina. A seguir, a partir do século XVIII, a colonização portuguesa, especificamente açoriana, e as imigrações alemãs e italianas integram o panorama das culturas que, ao instalar-se em terras estrangeiras e buscar adaptação para a sua sobrevivência, destacam-se pela sua importância na consolidação do processo civilizatório e sua influência na formação sócio cultural, econômica e arquitetônica do estado do Rio Grande do Sul.

2.1 Povos indígenas

Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul foram os povos indígenas, formados por três grupos: Gê, Guaranis e Pampeanos. Na maioria dos casos, os grupos indígenas se organizavam em pequenas comunidades, formando unidades familiares ou clãs. Caracterizavam-se pelo uso de instrumentos de pedra talhada e de ossos de animais e sua sobrevivência estava relacionada ao caráter de vida social nômade ou semi-sedentário de cada grupo, e baseava-se na caça, pesca e nas plantas alimentícias.

O gê ou tapuia compreendia os índios guaianás, os coroados, os pinarés, os ibirajaras, os gualachos, os botocudos, os bugres, caaguas, etc. Hoje esses indígenas são chamados de kaingang ("kaa" = mato; "ingang" = morador). Os gês sobreviviam de uma agricultura rudimentar, e eram habitantes das regiões do Alto do Jacuí e Planalto Médio.

Segundo La Salvia, as habitações indígenas no planalto eram semi-subterrâneas ou subterrâneas. As habitações subterrâneas chegavam a medir mais de 20 metros de diâmetro com uma profundidade mais de 6 metros. A cobertura estendia-se até o chão para impedir a invasão da água, de animais e do frio e teria uma estreita abertura para acesso dos moradores. As atividades aconteciam no espaço em redor do fogo, quando o espaço era pequeno sendo então estas realizadas a céu aberto ou de baixo da área da cobertura ao longo da escavação. As habitações semi-subterrâneas geralmente são pequenas, não sendo superiores a três ou quatro metros. No período de penetração européia os índios já habitavam ranchos com várias configurações. A estrutura dos ranchos era de vara atadas com cipó e coberta com folhas de vegetação. Os ranchos de forma prismática serviam, em geral, dos caciques. Os ranchos de forma retangular são de tamanhos diversos e proporcionais ao número de habitantes.

Os guaranis localizaram-se no litoral marítimo e o litoral da Lagoa dos Patos e as margens dos grandes rios, ocupando as margens dos rios a oeste do atual território do Rio grande do Sul e o centro da bacia do rio Jacuí, as margens do rio Guaíba e na parte ocidental da laguna dos patos e o litoral, desde o atual município de São José do Norte. Os guaranis destacaram-se mais como agricultores, ainda que praticassem a caça, pesca e a coleta de plantas silvestres.

Os índios Guaranis habitavam em casas coletivas, as malocas, com planta baixa de forma retangular, que variava de tamanho conforme o número de pessoas. A aldeia era constituída de quatro a oito malocas, protegida por uma paliçada dupla de troncos de palmeira. Suas casas localizavam-se em terrenos altos e arejados, e as aldeias situavam-se, normalmente, em florestas e possuíam como ponto central a casa sagrada do pajé *Opy*. A área aberta era dedicada ao encontro do grupo. As outras habitações localizam-se em torno da casa sagrada e do espaço comunitário. As habitações eram construídas com palha, esteios de madeira, barro, cipó, taquara, folhas de vegetação.

Os índios pampeanos ou guaicurus, ocupavam o pampa gaúcho e uruguaio e grande parte da região de Entre Rios, na Argentina. Pertenciam a este grupo: os charruas, guenoas, minuanos, chanás, iarós e mbohanes. Os charruas ocupavam as margens do rio Uruguai, enquanto que os minuanos ocupavam o litoral atlântico desde a lagoa



Mirim até as proximidades de Montevidéu. Com a instalação do homem branco nos territórios, esses grupos sofreram modificações importantes na sua cultura introduzidas por portugueses e espanhóis.

A habitação dos índios pampeanos pode ser considerada uma arquitetura efêmera, pois quando o grupo se deslocava, havia a possibilidade de transportar essas habitações, pois eram desmontáveis. Os toldos ou toldarias, como eram chamados, possuíam a função de abrigo. Tecnicamente, os toldos eram estruturados a partir de quatro estacas de madeira nativa e a cobertura era feita de esteiras. A partir do século XVIII, foi utilizado o couro do cavalo para a cobertura. Segundo WEIMER (1999), os pampeanos conheciam técnicas de construções com terra, utilizando torrões de terra gramada (leivas) para a construção de paredes. Essa técnica também foi utilizada na construção dos fortes de terra.

2.2 Colonização açoriana

O Rio Grande do Sul foi colonizado pelos açorianos a partir de 1752, povo esse que introduziu uma economia de subsistência no estado, baseada no cultivo do trigo. A Coroa Portuguesa tinha como objetivo principal defender as terras gaúchas contra apropriação dos castelhanos. No período entre 1764 e 1780 surgiram núcleos açorianos em Mostardas, São José do Norte, Taquari, Santo Amaro, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira, Conceição do Arroio. A irradiação da colonização açoriana, entre 1765 e 1780 ocorreu ao longo do rio Jacuí e nas atuais cidades Rio Pardo, Santo Amaro, Triunfo, Taquari e Porto Alegre.

As primeiras habitações dos colonizadores açorianos no Rio Grande do Sul tinham um caráter provisório, com o passar do tempo é que começaram a ser construídas as habitações permanentes com materiais mais resistentes. Existiam duas linhas de penetração no território gaúcho, que ligavam Laguna ao Rio Grande e Porto Alegre a Rio Pardo. As tipologias desenvolvidas eram de implantação distinta, desde casas rurais, casas em fita e sobrados. As casas isoladas e as casas em fita eram as habitações mais construídas pelos açorianos. No que diz respeito à composição formal, eram utilizados elementos de fachadas e aberturas de acordo com a evolução dos processos construtivos, o que desencadeou o surgimento de novos ritmos

arquitetônicos nas fachadas, denominando essas tipologias de casas de porta e janelas.

2.3 Imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul

Os primeiros a chegarem ao Rio Grande do Sul foram os alemães a partir de 1824. O povoamento e colonização de áreas ainda não habitadas foi um dos principais objetivos. Os primeiros grupos de imigrantes alemães desembarcaram no Vale dos Sinos. A partir de São Leopoldo, as colônias alemãs se espalharam primeiramente pelas áreas mais próximas, atingindo posteriormente zonas isoladas, como o Alto do Uruguai. As propriedades eram divididas em retângulos alongados, situando-se ao longo das picadas, dentro das quais os alemães reconstituíram sua vida social. Além da indústria, outros aspectos foram trazidos pelos imigrantes, tais como as instituições de ensino, sociedades de canto, ginástica e o cooperativismo.

Os imigrantes alemães estabeleceram-se em pequenas propriedades doadas. O local escolhido deveria ter água potável e localizar-se perto da estrada de acesso. Os grupos de imigrantes alemães eram provenientes de Hunsrück, Vestfália e Pomerânia e traziam consigo conhecimentos, entre eles técnicas de construção.

A evolução da habitação do imigrante alemão no Rio Grande do Sul teve diversas fases, partindo da habitação provisória para a construção dos ranchos até a construção de sua habitação definitiva.

As primeiras habitações eram precárias, com cobertura de ramos sobre viga sustentada por dois postes fixados no solo e construções mais sólidas de pau-a-pique. As habitações eram construídas perto de um rio ou córrego com um terreno de leve declividade para favorecer o escoamento das águas da chuva. Logo a seguir, a construção mais sólida, a cabana, tinha telhado de ramos e folhagem ou capim, com uma área construída com cerca de vinte metros quadrados.

Com a prosperidade, os imigrantes puderam construir uma casa mais ampla de enxaimel em geral aparente. O imigrante trouxe em sua bagagem cultural o enxaimel, e teve de ser recriado e por isso ele é totalmente brasileiro, em sua expressão.

Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul em 1875 e provinham do norte da Itália: vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos. Os três primeiros núcleos italianos foram Farroupilha, Garibaldi e Bento Gonçalves. As colônias italianas multiplicaram-se rapidamente, expandido-se para o Alto Uruguai e a partir de 1920 acompanhando a estrada de ferro do Vale do Rio Peixe em direção à Santa Catarina e Paraná.

O conjunto de instalações: residência, cozinha, o paiol, o puxado, o galinheiro, o chiqueiro, a casa de ovelhas formam o conjunto residencial da habitação italiana no Rio Grande do Sul. As edificações podem ser classificadas em quatro períodos: construções provisórias (primeira década da imigração), primitivo (segunda década da imigração), apogeu (1890 até em torno de 1930) e tardio (1930 até fins da década de 60).

3. Contribuição da arquitetura vernácula à Habitação de Interesse Social

Dentro do contexto abordado, identifica-se a carência do reconhecimento, no âmbito da arquitetura dos saberes populares. Um dos grandes desafios das políticas públicas, na inclusão de culturas que apresentam um forte laço com sua origem, é a inclusão socioeconômica desses grupos respeitando suas diversidades e, levando adiante desta forma, a produção de uma arquitetura adaptada às realidades específicas.

A presente pesquisa, busca a contribuição para o avanço do conhecimento por meio de um processo investigativo que tem como procedimento metodológico basilar, definidos pelos seguintes itens:

- pesquisar e levantar dados junto a órgãos estatais responsáveis pelas políticas públicas na área da habitação de interesse social;
- pesquisar, levantar e catalogar projetos arquitetônicos desenvolvidos e executados por órgãos estatais;
- mapear as regiões históricas e levantar os aspectos socioeconômicos, culturais e ambiental nas comunidades de imigração, assentamentos indígenas e quilombos no estado do rio grande do sul que são atingidos pelo déficit habitacional e exclusão social;

- identificar, catalogar e sistematizar técnicas, tecnologias em regiões que apresentam a existência de comunidades autóctones atingidas pelo déficit habitacional;
- identificar aspectos climáticos, ambientais e social das regiões estudadas;
- sistematizar propostas projetuais apropriadas as análises e estudos desenvolvidos nos pontos anteriores.

A hipótese formulada, nesta pesquisa, busca a verificação da arquitetura vernácula como subsídio na busca de alternativas sustentáveis para uma arquitetura que considere aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, no contexto de culturas autóctone.

A pesquisa segue os critérios de um trabalho teórico, conforme os seguintes os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica: pesquisa e revisão bibliográfica com; pesquisa documental; análise documental. Contemplam, entre outros, os procedimentos metodológicos desta pesquisa, em curso, e não abordados neste trabalho: entrevista, usando como técnica a história oral, com a finalidade de registrar a vivência de profissionais e de usuários das construções; estudo e levantamento de elementos construtivos da arquitetura vernácula no estado do Rio Grande do Sul; levantamento e catalogação de elementos arquitetônicos da imigração, entre outros.

O presente artigo aponta um panorama de diferentes produções arquitetônicas populares na história da ocupação do território do Rio Grande do Sul. Esse panorama consiste em um conjunto de expressivas experiências construtivas, desde os primeiros ocupantes - as culturas indígenas -; as habitações dos estancieiros; a arquitetura da colonização portuguesa, com o precedente da arquitetura açoriana; as edificações das diferentes culturas de imigração, principalmente a alemã e a italiana; até as primeiras residências urbanas, construídas a partir das experiências dos primeiros núcleos urbanos do século XVIII.

Como conclusão parcial indica-se alguns aspectos importantes: a arquitetura indígena abrigou os primeiros habitantes do sul do Brasil. As habitações demonstram uma perfeita integração com o meio o seu ambiente. Isso ocorre pela escolha, uso e adequação de materiais locais em suas construções. Outro fator que demonstra esse fato é a relação existente entre suas habitações e o contexto físico. No caso dos índios

caatingas é possível apresentar a adequação de suas habitações à topografia local. Sabe-se da ocupação original desta cultura, ao norte do estado, ocupando uma região acidentada topograficamente, onde a alternativa adotada foi a produção da habitação subterrânea ou semi enterrada, com a possibilidade de obter proteção aliada ao melhor aproveitamento do contexto físico.

Como exemplo de adequação ao clima, é possível citar as habitações dos índios pampeanos, nos pampas gaúchos, grupo nômade, que construíam suas moradias com caráter efêmero, e protegendo-se do vento minuano com toldos que utilizavam como matéria prima esteiras de bambus ou, posteriormente, com a chegada do gado, a essa região, o couro.

4. Referências bibliográficas

- BONDUKI, Nabil: Origens da Habitação Social no Brasil. Auflage. Estação Libertadora. São Paulo, 2002.
- D' AVILA, M. R.: Zur Einsatzmöglichkeit nichtkonventioneller Bauweisen im genossenschaftlich organisierten sozialen Wohnungsbau für Rio Grande do Sul, Brasilien. Kassel/Alemanha: Kassel University Press GmbH, 2006.
- KOSTOF, Spiro. The architect. Oxford University Press, 1977.
- LA SALVIA, Fernando. A habitação subterranean: uma adaptação ecológica. IN: LAZZAROTTO, Danilo. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- OLIVER, Paul. Dwellings. London: Phaidon Press Limited, 2003.
- OLIVER, Paul. Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World. Cambridge: University Press, 1997.
- POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.
- ROHDE, Geraldo. Arquitetura espontânea. IN: WEIMER, Günter (org.). A arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- RUDOLFSKY, Bernard. Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture. Albuquerque: Univ. of New México, 1998.
- SILVA, Elvan. Matéria, idéia e forma. Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- VOLKMER, Albano José. Memória cultural e o patrimônio intangível. http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq009/arq009_02.asp. Acesso em 19/04/2010.
- WEIMER, Günter. A arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1980.
- WEIMER, Günter. Arquitetura da Imigração alemã. Editora da Universidade, UFRGS. Porto Alegre. 1983.
- WEIMER, Günter (org.). A arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- WEIMER, Günter. A arquitetura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.